

**IBGE**

## **Um retrato da desigualdade social no país**

Entre 2017 e 2018,  
apenas 2,7% das  
famílias acumulavam  
20% do total da renda  
no país, aponta  
pesquisa divulgada  
ontem pelo instituto.  
PÁGINAS 7 E 8

**CONJUNTURA /** De acordo com levantamento do IBGE, desembolso com essas despesas subiram de 2,1% da renda, em 2008-2009, para 3,2%, em 2017-2018. Por outro lado, montante destinado a investimentos diminuiu

# Gastos com dívidas e impostos

» CATARINA LOIOLA\*  
» CRISTIANE NOBERTO\*  
» THAÍS MOURA\*

A Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE divulgada ontem, revela que os brasileiros estão gastando mais com pagamento de impostos e de dívidas e, portanto, acumulam menos patrimônio. Segundo os dados do IBGE, 3,2% dos rendimentos familiares foram destinados ao abatimento de dívidas entre 2017 e 2018, enquanto entre 2008 e 2009, segundo dados da pesquisa anterior, foram destinados 2,1% da renda para essa finalidade.

O levantamento também mostra que apenas 4,1% da renda familiar foram dirigidos ao aumento de ativos, ou seja, as despesas com aquisição de imóveis, construção, melhoramento de imóveis próprios e investimentos financeiros. Já os dados coletados entre 2008-2009 revelaram que 5,8% do orçamento familiar mensal foi destinado a investimentos.

Newton Marques, professor de economia da Universidade de Brasília (UnB), explica que, com a desaceleração econômica, a recuperação da renda média das famílias tem sido menor nos últimos anos. Por isso, os brasileiros precisaram elencar as prioridades. Segundo a pesquisa, mesmo crescendo, os gastos com impostos e dívidas ainda são inferiores do que aqueles com alimentação, transportes e habitação. Para Marques, esse quadro só poderia ser invertido em um contexto de crescimento da economia.

Para o economista Riezo Almeida, é preciso levar em conta o aumento dos impostos e das dívidas nos últimos 10 anos.

"Em relação à renda das famílias, os valores de dívidas e impostos estão muito maior agora do que nos anos anteriores. Além disso, como os salários da população também diminuíram com a crise, mais dívidas foram criadas, e as pessoas tiveram mais dificuldade em pagar os impostos federais", explica.

O vendedor Veríssimo Carvalho, 37, disse que compromete toda a renda com pagamento de contas mensais e parcelas do

empréstimo. "Precisei pegar dinheiro emprestado do banco para poder pagar outras contas maiores, como cheque especial. Mesmo fazendo acordo, ainda não consegui quitar a dívida", contou. "Meu salário vai todo para os boletos, aluguel e para alimentação. Não sobra nem para investir no futuro, nem para curtir algum lazer", disse.

As despesas dos brasileiros com tarifas bancárias aumentaram mais de 150% nos últimos 10

anos, segundo a pesquisa. Em 2018, esse custo consumia 1% da renda das famílias, ante os 0,4% do levantamento anterior. Nesse intervalo, o número de cartões de crédito ativos no sistema financeiro cresceu 34%. A expansão também ocorreu no uso de cartões de débito, com avanço de 67%. Para alguns especialistas, esses movimentos representam uma mostra do crescimento da chamada "bancarização".

Para Marcelo Neri, economista e diretor do FGV social, as pessoas estão gastando mais com despesas bancárias por se tratar de uma despesa sobre a qual as pessoas pouco se dão conta. "Essas tarifas fazem parte de uma conta invisível que você não nota e, como são poucos bancos, a pessoa acaba não tendo para onde correr. Nesse período, os juros sempre foram muito altos também", avaliou o economista.

"O Banco Central não toma atitudes em relação aos abusos que os bancos cometem. Uma elevação dessa, de 150%, teria que ter um fato econômico que justifique", ponderou o economista Newton Marques. "As pessoas estão endividadadas e os bancos se aproveitam desse endividamento", disse.

Elenice Alecastro, de 65 anos, recém aposentada, reclama da elevada tarifa bancária que paga por serviços que, segundo ela, deveriam ser gratuitos. "Quando a gente aposenta, o dinheiro diminui, então, estou em uma fase de readaptação. O que eu pago de tarifas poderia ser gasto com outras coisas, como educação para uma nova profissão".

\* Estagiárias sob supervisão de Cláudia Dianni



**Os valores de dívidas e impostos estão muito maior agora do que nos anos anteriores. Além disso, como os salários da população também diminuíram com a crise, mais dívidas foram criadas, e as pessoas tiveram mais dificuldade para pagar os impostos federais"**

*Riezo Almeida, economista*

Marília Lima/Esp. CB/D.A. Press - 8/2/19



Com aumento das despesas com alimentação, moradia e transporte, apenas 4,1% da renda dos brasileiros foram para investimentos



Thais Moura/Ésp. CB/D.A Press



Gabriel Breda: "Gastos com alimentação consomem de 30% a 40% da renda familiar"

## Sobra menos para o lazer

O servidor público Gabriel Breda, de 30 anos, lamenta o fato de destinar a maior parte da renda mensal para fazer frente a despesas básicas. A consequência, afirma, é que não sobram recursos suficientes para lazer com a família. Ele conta que diversão é o primeiro item da lista de cortes e acaba sendo considerado "supérfluo".

Com esposa e filho dependentes, ele conta que precisou se desfazer de um dos dois carros por causa dos altos preços nos combustíveis. Para ele, porém, os gastos com alimentação têm ainda mais impacto no orçamento. "Alimentação, hoje em dia, é com o que eu mais gasto. Consome de 30% a 40% da renda familiar, todo mês", contou. "Em média, eu gasto cerca de R\$ 2 mil só com alimentação. Mas, de janeiro para cá, os alimentos aumentaram muito. Você vai ao mercado uma semana e faz uma compra de um valor e, na semana seguinte, já tem um acréscimo", reclamou Gabriel.

Ele também reclama das altas tarifas bancárias e explica que, na área em que trabalha, precisa

efetuar transferências bancárias e as tarifas acabam constituindo um custo a mais. "Por isso, passei a ter não só um banco, mas três, para não ter que pagar essas tarifas e só fazer as transferências, que comprometem muito minha renda", disse.

Ele estima que, apenas com as despesas obrigatórias, como escola, alimentação, transporte, e as contas básicas, chega a gastar mais de R\$ 5 mil no mês. "Em média, minha renda familiar mensal é de uns R\$ 7 mil. Então, essas despesas comprometem nossa renda bastante, mas, felizmente, nossa situação não é tão drástica", conclui Gabriel.

Já Lucia Cabral, de 52 anos, recebe uma renda mensal inferior a dois salários mínimos. Desempregada e com três filhos, ela conta que gasta cerca de 75% do salário apenas com alimentação para a família. "No momento, quem está mantendo a casa é o meu marido. A gente só tem comprado alimento para comer em casa, porque já é caro comer lá, imagine fora. Os preços poderiam baixar mais. Poucas vezes, eu e a mi-

nha família conseguimos ir a restaurantes", lamentou. "Compramos mais carne, arroz e verdura porque é o que alimenta e cabe no bolso. Tudo, nesse país, pagamos muito caro. Até a comida."

"Como a maioria das famílias está endividada, não há margem para pagar o endividamento e ainda fazer o consumo normal do básico, como transporte e alimentação, que é o que chamamos de bens normais", explica o coordenador do curso de Ciências Econômicas do IESB, Riezo Almeida. Para ele, uma melhor gestão dos recursos familiares poderia ajudar as famílias. Ele ressalta que, mesmo com aumentos generalizados dos preços sobre alimentos e combustíveis, entre outras formas de transportes, a população não tem como deixar de gastar com esses itens. "Além disso, com a crise que vem acontecendo no país há anos, o salário das famílias diminuiu relativamente. Muitos foram demitidos e, quando conseguiram outro emprego, a renda veio menor. Portanto, esses bens ficaram mais caros para essas pessoas".